

Memórias, Histórias e fé: a trajetória de vida de mulheres benzedadeiras.

Vania Vaz¹

Temas que envolvem fé, curas e religiosidade fazem parte dos mais diversos cenários da cultura do povo brasileiro, onde as expressividades das práticas de cura, mesclam-se, com religião e misticismo.

Esta pesquisa que ainda está em andamento, ocorre na cidade de Irati, localizada no interior do estado do Paraná e tem como objetivo discutir a trajetória de vida de mulheres benzedadeiras, a construção do imaginário de cura através de benzimentos, simpatias, orações e demais experiências que ocorrem em suas vidas.

A trajetória desta pesquisa vem desde o ano de 2002, durante a graduação do curso de História, da Universidade Estadual do Centro – Oeste Paranaense-UNICENTRO, quando comecei a levantar quem eram as senhoras que realizavam benzimentos e quais eram os rituais praticados. Naquele momento já fora possível perceber certa mescla nos conhecimentos dessas mulheres, a maioria tinha uma ou mais descendência de imigrantes europeus na família. Demonstravam algum conhecimento ou contato com o espiritismo e praticavam benzimentos também comuns em outras partes do país.

A temática geral da pesquisa continua na produção da dissertação de mestrado, que está gradativamente ganhando outras perspectivas de discussões devido às contribuições teóricas, principalmente no que diz respeito às discussões sobre hibridismo cultural² e estudos culturais³.

A cidade de Irati surgiu de uma pequena vila chamada Covalzinho, que servia de apoio para pouso de tropeiros que passavam pela região. Essa vila passou a ter um desenvolvimento maior com a instalação da estrada de ferro e com a chegada de grupos de imigrantes como: italianos, alemães, holandeses e em maior número poloneses e ucranianos.

Um dos primeiros ciclos econômicos da região foi o da madeira. O que atraiu trabalhadores e empresários principalmente da região da capital, Curitiba. Dessa forma havia na cidade diversidades de práticas culturais, sejam elas de caráter religioso ou social.

A região foi se desenvolvendo no meio rural com a pequena propriedade utilizando mão de obra familiar e na cidade com o gradativo desenvolvimento urbano e a instalação de estabelecimentos comerciais.

Nas localidades rurais, alguns grupos étnicos ficaram meio isolados, enquanto outros acabaram dividindo extensões maiores de terra, contribuindo para uma maior interação entre essas comunidades. A princípio isso ocorria lentamente. Com o passar do tempo começaram os casamentos entre pessoas de grupos diferentes. As próprias necessidades diárias dos moradores do campo, como troca de produções diversas e a instalação de escolas para as crianças, contribuíam para a mescla de saberes e a construção de novos costumes na comunidade.

No meio urbano a própria organização social contribuiu para que os diferentes moradores interagissem de maneira mais rápida. As articulações comerciais, a frequência dos espaços culturais e religiosos dava à cultura do povo iratiense um caráter plural.

Neste artigo abordaremos essa pluralidade cultural sobre a ótica da construção do imaginário de curas através de benzimentos e como este se articula no cotidiano das senhoras benzedadeiras residentes no município de Irati.

As narrativas abordam temas como a descoberta do dom ou o aprendizado de cada uma, a relação que elas estabelecem com as práticas de curas e entidades divinas e também sobre as imagens que criam e recriam de si mesmas, do mundo, e do trabalho que desenvolvem.

O contato com a História Oral leva-nos a refletir sobre as questões desafiadoras e instigantes que surgem nas narrativas. As informações transmitidas por nossos depoentes, como parte de sua história, esta construída e relacionada com a história de seu grupo, ajuda-nos a compreender suas articulações sociais.

Com o propósito de apresentar o papel dos mais diferentes indivíduos sociais, na construção da história, faz-se endossar as palavras de Yara A. Khoury:

Considerando a história um processo de disputas entre forças sociais, envolvendo valores e sentimentos, tanto quanto interesses, e dispostos a pensar e avaliar a vida cotidiana em sua dimensão histórica, a ponderar sobre os significados políticos das desigualdades sociais, nossas atenções se volta para modos como os processos sociais criam significações e como estas interferem na própria história. Nesse sentido é que entendemos e lidamos com cultura como todo um modo de vida.⁴

Buscando entender a construção do imaginário dessas senhoras, é possível perceber que elas vão desenvolvendo e construindo novos saberes. Relacionam entre si os mais diferentes conhecimentos vindos de experiências empíricas, de conversas com outras senhoras benzedadeiras, da relação com a Igreja, das histórias de família, inclusive do contato com a mídia, onde são expectadoras da transmissão de celebrações religiosas, como por exemplo, algumas delas que são ouvintes assíduas de programas de rádio de emissoras católicas.

As narrativas compreendem o contato das benzedadeiras com as pessoas que buscam os rituais; a relação com esposos, filhos e amigos; a preocupação com a transmissão de seus conhecimentos; relatos do contato de algumas destas senhoras com médicos; as relações de solidariedade.

Serão apresentados neste artigo trechos de narrativas que revelam a iniciação de duas senhoras como benzedadeiras, contudo ambas percorreram inicialmente caminhos diferentes. Uma delas é Dona Alice que carrega no histórico familiar a proximidade do pai com benzimentos e da mãe e da avó, que eram benzedadeiras e parteiras. A outra, Dona Dirce, passou a realizar benzimentos depois de uma visão que teve de Nossa Senhora.

É interessante percebermos que por mais que essas senhoras nos primeiros passos seguiram caminhos diferentes, em muitos momentos elas passaram a desenvolver conhecimentos similares. Dona Dirce, que passava por um momento difícil em sua vida, iniciou a prática de vários tipos de benzimentos depois da visão da santa, inclusive

aprendendo a realizar benzimentos nunca vistos antes. Dona Alice estava cercada por pessoas com as quais podia conversar e trocar experiências a respeito das práticas realizadas.

Eu aprendi com minha mãe, minha mãe me ensinou e a gente foi fazendo, vendo e, que no começo eu fazia e não acreditava, daí que a gente foi vendo o poder que tinha. E os remédios tinha nos livros, e minha mãe ajudava, ela sabia tudo sobre aqueles vidros, ela aprendeu com 13 anos, aí a gente diz que tem o dom de Deus, e esses livros que a minha mãe aprendeu foram até se perdendo, eu tenho ainda um para lhe mostrar, mas não encontro mais os remédios para preparar. Porque aqueles que fabricavam o remédio aqui no Brasil morreram, e esses outros vinham da Alemanha, quer dizer agora a gente trabalha sozinha os remédios, nós formulamos. Alguma coisa deu para substituir, mas outras coisas não existe mais⁵.

Percebemos que dona Alice era cercada de uma estrutura para conhecer as práticas de benzimentos. Além disso, em outros trechos de sua narrativa, ela comenta que sua irmã também realizava benzeções. Quando esta senhora fala que não acreditava naquilo que fazia, podemos passar a refletir qual seria naquele momento de sua vida os significados para os seus conhecimentos, o porquê de praticar algo do qual não acreditava. Contudo, em uma outra narrativa, dona Alice volta a comentar sobre sua vida ainda quando era muito jovem, narra um fato sobre o falecido marido que um dia também desacreditou dos benzimentos, porém foi curado pelos mesmos. Ao comentar sobre a fé do marido com os rituais que ela praticava, diz:

Pois é eu também fazia e não acreditava, eu não acreditava, fazia, porque eu sabia não que eu acreditasse. Foi preciso acontecer comigo para eu ver a força da fé. Você no sofrimento você se apegar com Deus, se tudo está bem você esquece. Mas se acontece alguma coisa com você. Então é tudo isso, se tudo estiver bom.⁶

No decorrer desta segunda narrativa é que dona Alice foi falar sobre uma das suas gestações, onde necessitou de uma arriscada cirurgia na vesícula. E durante sua recuperação ela acabou realizando trabalho braçal de grande esforço físico, tendo problemas de saúde e como estava distante de outros recursos, sua mãe realizou um

benzimentos e ela ficou curada. Isso a fez mais devota de sua fé e dedicada aos seus rituais de cura.

Um diferente contato com a benzeção seria a história de dona Dirce, que conta em sua narrativa o quanto passava por necessidades em sua vida, sejam elas econômicas ou emocionais, já que o marido era violento e bebia muito. Falando sobre esse triste resumo do momento que vivia ela também narra:

Aquele tempo era só sofrimento só era sofrimento. Eu tava com as quatro meninas pequenas, então tinha três que ele fez uma cama de solteiro, e outra dormia com nós. Sabe como é nenê pequeno pode ser perigoso dormir com as outras. E uma certa noite eu estava tão desesperada, passando nervo a semana inteira, lidando com doença das crianças e precisando das coisas, ele bravo quando estava em casa, quebrando as coisas. E aí aquele dia eu sentada na vereda da cama, tava no colo com minha filha que morreu esses dias e daí comecei a rezar, rezar, rezar e pedir sabe, para Nossa Senhora, clarear, iluminar meu caminho, para que eu parasse de sofrer. Foi aí que ela apareceu, eu estava sentada na cama eu estava com a menina no colo e as luzes apagou, e já iluminou com a outra luz divina, que era dela era da Santa. Ela apareceu, ela veio do cantinho da parede, ela veio em cima de mim. Ela veio na altura de um metro e pouco da cama onde eu estava e ela ficou parada no ar e eu vendo ela, eu vendo ela e via que ela movimentava a boca mas de emoção eu esmoreci eu não podia responder, eu não podia perguntar, eu não podia falar minha boca, nós estávamos em oração, mas nós estávamos conversando, mas minha boca não mexia eu fiquei paralisada. Sei lá eu não conseguia falar e esse tanto que eu estava conversava com ela, que eu estava atendendo ela, apareceu três letras de forma sabe. Naquelas três letras, dizia, aquelas letras douradas, lindas aquelas letras. Ela com a roupa toda azul e lilás assim sabe aquela roupa dela, aquelas letras escritas era das palavras de coisas boas para me ajudar na minha vida, para eu sair do sofrimento me ajudar ela com essas três palavras. Mas eu não posso contar para ninguém, porque ela deu para mim, quando eu não quisesse mais aí eu passo para outra. Essas três letras que eu guardo em segredo já faz 38 anos.⁷

O conteúdo da narrativa do primeiro contato de Dona Dirce com a benzeção está carregado de vários significados. Muito mais do que isto. Estão presentes os sentimentos de devoção dela com a santa, que solidifica sua relação com a benzeção, já que em outros

trechos de sua narrativa esta senhora vai sempre afirmar a transformação positiva que sua vida sofreu após a visão. Também é possível perceber os conceitos que são criados por esta senhora, como a manutenção do segredo das letras da santa, o momento que ela deverá passar seus ensinamentos para outra pessoa, a incorporação da prática de seus conhecimentos como uma missão para ajudar a si própria e aos outros.

Nos trechos das narrativas há toda uma construção da imagem que estas mulheres transmitem sobre suas ações, trazendo em suas palavras os elementos da cultura que as cercam, desta forma passam a transformar e atribuir novos significados à realidade vivida por cada uma.

Assim, história e memória caminham juntas. A memória como parte da história, sendo que sua construção surge das relações que nossos sujeitos fazem de si e dos outros e dos fatos. Isto também surge na relação que estabelecem conosco, historiadores, já que passamos a trabalhar com momentos alegres e promissores, mas também tristes e sofridos de suas vidas.

Nesse sentido, mais uma vez reforçamos o constante surgimento de novos significados, a partir das novas experiências de nossos narradores. Assim este trecho de um dos textos de Alessandro Portelli enaltece a sensibilidade que o historiador deve adquirir no trabalho com as fontes orais:

Mas o realmente importante é não ser a memória apenas um depósito passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado, quanto nas mudanças, forjadas pela memória. E estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico⁸

Mais do que trechos sobre relatos das vidas de nossos depoentes, temos em nossas mãos seus sentimentos, suas angustias, seus desejos e sonhos. Embutido a tudo isto estão todas as influências do meio que vivem, das demais pessoas que com elas se interagem

sejam elas de maneira direta ou indireta. Como no caso das benzedadeiras, seus familiares, vizinhos, as pessoas que buscam ajuda.

Contudo, em seus imaginários estas senhoras benzedadeiras agregam também, de forma simultânea e interativa, outros significados, voltados para religião, para a religiosidade popular, a crença em simpatias e superstições, o conhecimento de ervas medicinais, massagens e a manipulação de remédios.

Essas narrativas também compreendem resgates de histórias de suas infâncias. Em alguns momentos elas chegam a recontar histórias que lhes foram repassadas ainda quando crianças. E não deixam de repetir as experiências, seja com as quais tiveram dificuldade para agir, seja naquelas cujos resultados dos seus benzimentos são considerado milagres para os que são curados.

Dessa forma, na continuidade da pesquisa, propõe-se discutir sobre as diferentes construções da memória das senhoras benzedadeiras, como a amplitude de suas criações e re-criações no que diz respeito aos seus olhares para seus benzimentos e para o mundo.

¹ A pesquisa da autora, conta com o apoio do CNPq. O presente artigo é parte da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós - Graduação em História da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP).

² CANCLINI, Nestor Garcia, *Culturas Híbridas*, São Paulo: Edusp, 2003.

³ WILLIAMS, Raymond, *Cultura*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

⁴ KHOURY, Yara Aun. "Muitas memória, outras histórias: cultura e o sujeito na História", em IDEM (org.). *Muitas Memórias, outras Histórias*, São Paulo: Olho d'Água, 2004, p.117.

⁵ Narrativa de Alice Santos. Concedida à autora em 09 de setembro de 2004.

⁶ Narrativa de Alice Santos. Concedida à autora em 14 de março de 2005.

⁷ Narrativa de Dirce Sousa. Concedida à autora em 14 de dezembro de 2004.

⁸ PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente", em *Projeto História*, São Paulo: EDUC, n 14, 1997, p.33.